

## Síndrome de Down: aprendizado pessoal ajuda na atuação de juíza

21/03/2023

Ao ser designada para varas do interior do estado do Ceará, a juíza Suyane Belchior Paraíba Aragão precisou superar um desafio maior do que os impostos pela profissão. "Minha caçula, Luiza, nasceu com Síndrome de Down e eu não contaria com apoio de tantas terapias, como teria em cidades maiores", relembra a magistrada.

A jornada da juíza trabalhista é destaque neste 21 de março, Dia Mundial da Síndrome de Down. O 21 de março é reconhecido pela Organização das Nações Unidas e busca conscientizar e garantir oportunidades iguais às pessoas com Down. Há nove anos, essa têm sido a luta diária da juíza Suyane, que atua na magistratura há 15 anos.

123RF



123RF 21 de março foi escolhido pela ONU por representar a triplicação do cromossomo 21

Ela conta que a experiência com o desenvolvimento da filha é um aprendizado diário. "Passei a ser mais paciente, resiliente, a me colocar no lugar do outro não só na vida pessoal, mas no meu trabalho", diz a juíza. Ela destaca ainda que "nas audiências, eu me percebi uma magistrada mais tolerante com as partes, os advogados, escutando o que cada um tem a falar". A juíza conta, ainda, que diante do desafio precisou se reinventar e buscar alternativas de como desenvolver a filha para que ela se torne independente no futuro.

Na busca de estímulos para Luiza, a magistrada relembra que desempenhou os papéis de fonoaudióloga e terapeuta ocupacional para que a menina continuasse a se desenvolver. A mãe enfatiza que os estímulos nos primeiros anos de vida são essenciais para a melhor desenvoltura das crianças com essa síndrome. "Passei a estudar tudo sobre a condição genética, aprendi que precisava falar pausadamente, oferecer brinquedos educativos, ler histórias e cantar", resume.

Na verdade, a dedicação é a mesma que os pais devem ter com qualquer criança em desenvolvimento, avalia Suyane, que deixa ainda um alerta de que isso não implica em ter muitos recursos. "Podemos usar material reciclável para construir brinquedos e tudo se transforma em aprendizado, como empilhar caixas ou blocos, até mesmo rasgar folhas de papel", ensina a mãe da menina, que também tem Júlia, de 13 anos.

Luiza, com 9 anos, frequenta o 2º ano do Ensino Fundamental e aprende como qualquer outra criança, diz a mãe. Com naturalidade, recentemente ela explicou à filha sobre a Síndrome de Down. "Ao ver uma criança com traços semelhantes aos dela, como olhos amendoados, Luiza diz: olha mamãe, aquela criança é parecida comigo", conta a magistrada.

A experiência com a filha menor a alertou sobre a necessidade de auxiliar outros pais que podem passar pelas mesmas dificuldades que ela enfrentou. "Além de vencer inseguranças, quero contribuir para a superação de preconceitos e crenças como a de que a criança não irá se desenvolver, que não será um adulto independente", justifica.



O caminho que ela encontrou foi as redes sociais. Nesses espaços, ela fala do dia a dia da menina e aborda temas como discriminação e bullying. Ela também participa de associações de pais, onde compartilha o seu aprendizado. A magistrada ainda planeja para este ano suscitar a discussão sobre a criação de comitê de inclusão e acessibilidade no seu local de trabalho. "São temas que precisam estar no dia a dia da sociedade", defende. No âmbito do CNJ, no ano passado, por meio da Portaria 222/2022, foi instituído o Comitê dos Direitos de Pessoas com Deficiência.

### **Trissomia**

O dia 21 de março foi escolhido porque representa a triplicação, ou seja, a trissomia, do 21º cromossomo que causa a síndrome. O site da Biblioteca virtual do Ministério da Saúde diz que em cada célula do indivíduo existe um total de 46 cromossomos, divididos em 23 pares. Na Síndrome de Down há a presença de uma terceira cópia do cromossomo 21 em todas as células do organismo. *Com informações da assessoria de imprensa do Conselho Nacional de Justiça.*

Fonte: <https://conjur.jumps.com.br/2023-mar-21/sindrome-down-aprendizados-familia-ajudam-atuacao-juiza/>